

**RÁDIO NA ESCOLA: VAI QUE COLA!
PRÁTICAS DE LETRAMENTO, INTEGRAÇÃO E DIFERENÇAS EM PROL DA
APRENDIZAGEM**

Carla Beatriz Frasson¹

RESUMO:

É de conhecimento geral que grande parte das escolas públicas brasileiras não dispõe de infraestrutura adequada. A mídia constantemente noticia que em muitas escolas faltam lanches, carteiras e professores. É significativo ainda o número de instituições escolares desprovidas de recursos tecnológicos básicos que serviriam para otimizar o processo de ensino-aprendizagem. Devido a essa ausência, muitas vezes não são desenvolvidos projetos de letramento cujo foco seja as práticas discursivas com as quais os alunos têm contato no dia a dia. Projetos como a rádio escolar, singular ocasião para se trabalhar com gêneros sociodiscursivos próximos à realidade dos alunos, muitas vezes não são desenvolvidos porque faltam à escola recursos financeiros bem como apoio técnico e pedagógico adequados. Entretanto, essa realidade adversa não pode ser obstáculo para impedir o trabalho com esse suporte textual midiático. É preciso adaptar para a realidade de grande parte das escolas públicas brasileiras o projeto da rádio escolar a fim de possibilitar também aos alunos mais carentes, que frequentam justamente as escolas sem infraestrutura adequada, um contato mais prático e próximo com os gêneros textuais presentes na rádio. Este artigo, fundamentado teoricamente em pesquisas sobre letramento midiático e gêneros textuais, propõe uma sequência didática que adapta para a carente realidade de muitas escolas públicas brasileiras o projeto rádio escolar. Espera-se apresentar um roteiro que viabilize, de forma pedagógica e financeiramente possível, o trabalho com gêneros textuais presentes nas rádios, alcançando, sob uma perspectiva inclusiva, até as escolas mais simples e precárias do Brasil.

PALAVRAS-CHAVE: Práticas de letramento; Gêneros textuais; Rádio escolar.

ABSTRACT:

It is common knowledge that most Brazilian public schools do not have adequate infrastructure. The media constantly reports that in many schools lack snacks, wallets and teachers. Significantly also the number of educational institutions devoid of basic technological resources that serve to optimize the teaching-learning process. Because of this absence, they are often not developed literacy projects that focus on the discursive practices with which students come into contact on a daily basis. Projects like the school radio, singular occasion to work with socio discursive genres near reality students often are not developed because they lack the financial resources school and technical and pedagogical support adequate. However, this adverse reality cannot be an obstacle to impede the work with this media textual support. We must adapt to the reality of most Brazilian public schools the school radio project to enable even the most needy students, who just attend schools without adequate infrastructure, a more practical and close contact with the genres present in radio. This article theoretically grounded in research on media literacy and genres, proposes a teaching sequence adapting to the reality devoid of many Brazilian public schools the school radio project. Is expected to present a roadmap that enables in an educational and financially possible, work with genres present on the radio, reaching under an inclusive perspective, even the most simple and poor schools in Brazil.

KEY WORDS: Literacy practices; textual genres; School radio.

¹ Aluna da segunda turma do Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Endereço: Av. Paranaíba, 393 – Boa Vista (Monte Carmelo – MG) / E-mail: carlafrasson@mestrado.ufu.br / Tel.: (34) 9-9952-2714

INTRODUÇÃO:

A realização das práticas de letramento organizadas no âmbito escolar deve possibilitar aos alunos a participação consciente em atividades da sociedade letrada. É fundamental que um projeto de letramento desenvolva estratégias de ensino que proporcionem aos estudantes o acesso aos textos e discursos que de fato circulam na sociedade. De acordo com Baltar (2012), letramento deve ser entendido como “capacidade de participar *das* e agir *nas* atividades e ações de linguagem que ocorrem em contextos situados em sociedade e pelo respectivo ‘empoderamento’ resultante dessa capacidade de agir.” (p. 28 – grifos do autor)

Assim, os projetos de letramento a serem realizados na escola devem envolver práticas reais em que os alunos possam participar ativamente. Nesse sentido, a realização da rádio escolar configura-se como um potente projeto de letramento que trabalha, de forma sociodiscursiva, gêneros orais e escritos utilizando-os como instrumento didático-pedagógico.

Entretanto, para se trabalhar com a rádio escolar é preciso considerar a precariedade em que se encontram muitas escolas públicas brasileiras: várias não conseguem implantar uma rádio por não disporem de espaço físico, apoio técnico e pedagógico e recursos financeiros que subsidiem a instalação desse recurso. Nesse cenário, é fundamental a adaptação de práticas de letramento no âmbito escolar com o objetivo de trabalhar, em contextos cuja infraestrutura é extremamente precária, os gêneros textuais presentes na rádio.

Faz-se necessário, portanto, que outras versões de rádio possam ser desenvolvidas nas instituições escolares para que escolas com poucos recursos, mas com professores engajados, possam desenvolver essa prática com seus alunos. Para tanto, considerando-se, sobretudo, a rica diversidade de gêneros textuais presentes nas rádios, espera-se principalmente que o professor de Língua Portuguesa possa desenvolver em suas aulas propostas de letramento alternativas que valorizem a prática da leitura dos diferentes gêneros textuais recorrentes na rádio.

Este artigo pretende evidenciar que o trabalho adaptado da rádio escolar configura-se como uma prática de letramento de certa forma inovadora e realizada num contexto significativo de aprendizagem. Objetiva-se apresentar uma rádio escolar “anormal”, ou

seja, apresentada ao vivo para o público, com espectadores ao invés de ouvintes. Por meio dessa rádio escolar anormal, espera-se estimular nos alunos a leitura e análise dos gêneros textuais que transitam em rádios, buscando ultrapassar os limites da consciência ingênua para a consciência crítica desse tipo de mídia, reconhecendo as intenções explícitas e implícitas que nela são veiculadas.

Sendo assim, a realização desta prática de letramento busca ativar o conhecimento prévio dos alunos acerca do que conhecem e como analisam (se analisam) os gêneros textuais que são apresentados nas rádios. Além disso, são desenvolvidos momentos em que o aluno lê, seleciona e analisa os diferentes gêneros textuais que circulam na rádio. Espera-se, também, que os estudantes se conscientizem acerca da importância da leitura fluente e com boa dicção, fundamentais à rádio, e tenham um momento orientado de leitura, que foque de maneira crítica e analítica a importância de questões como respiração e domínio das pausas, clareza da pronúncia das palavras e das letras, acentuação da sílaba tônica, entonação das frases e intensidade da voz dentre outros fatores.

GÊNEROS TEXTUAIS E ENSINO: POSSIBILIDADES DE INTERVENÇÃO DA RÁDIO ESCOLAR

De acordo com Marcuschi (2008), o trabalho com gêneros em sala de aula deve conduzir os alunos a uma reflexão inicial: a de que, ao produzir um texto, seja ele oral ou escrito, o interlocutor não escolhe aleatoriamente o gênero que vai atender a suas necessidades. É preciso que a prática com gêneros textuais nas aulas de língua materna desenvolva nos alunos a capacidade de visualizar um gênero textual não apenas como instrumento de comunicação e interação, mas como elemento de manipulação e controle sociocultural que se inicia no momento em que se escolhe este ou aquele suporte.

As aulas de língua portuguesa muitas vezes desenvolvem um trabalho equivocado com os gêneros textuais. Isso porque se perde muito tempo com a nomeação de gêneros, quando o mais importante é identificá-los e analisar suas intenções discursivas, (poucas vezes percebidas pelos alunos), considerando os contextos e as situações das práticas sociodiscursivas em que os gêneros se concretizam. Além disso, um mesmo gênero pode apresentar uma “hibridização” de vários gêneros, representando uma rica intertextualidade que dá margem a várias análises construtivas. A mera nomeação é algo impreciso que pouco acrescenta ao conhecimento textual dos alunos.

Para Marcuschi (2008), o trabalho com gêneros textuais apresenta ainda duas lacunas. Primeiramente, o estudo dos gêneros orais, principalmente no que se refere à relação entre fala e escrita, ainda é insuficiente. Uma vez que a oralidade é palco de grande parte das interações sociais, é imprescindível que a escola desenvolva um trabalho sistemático com os gêneros orais – daí a importância de se trabalhar a rádio escolar. Em segundo lugar, não se pode esquecer também da emergente responsabilidade da escola em trabalhar com os gêneros da mídia auditiva. Muito mais interessantes que o velho caderno e lápis é a rádio, por exemplo, que suporta vários gêneros textuais específicos. Analisar os gêneros textuais presentes nesse e em tantos outros recursos tecnológicos proporciona uma aprendizagem mais dinâmica e condizente com as necessidades da sociedade atual.

Vê-se, dessa forma, que atividades relacionadas à rádio escolar trabalham efetivamente dois pilares essenciais que sustentam o ensino de língua materna: oralidade e escrita. Embora as práticas de linguagem iniciem-se no ambiente familiar, é na escola que se processam as principais reflexões a cerca dos usos da linguagem. Porém, a prática diária com o ensino da língua comprova as afirmações apresentadas por Dolz e Schneuwly (2004): nas instituições escolares, ainda não há um currículo devidamente estruturado que norteie o trabalho com a língua e que vislumbre uma divisão coerente das habilidades linguísticas fundamentais para uma concreta participação na sociedade.

Para os autores, as aulas que trabalham com a língua devem possibilitar ao aprendiz a oportunidade de descobrir, em seu meio, os usos sociais da linguagem em diversas situações de comunicação, permitindo-lhes vislumbrar o valor das unidades linguísticas em circunstâncias de efetiva realização. Nesse cenário, o papel desempenhado pela rádio escolar é fundamental, uma vez que possibilita sequências didáticas necessárias ao desenvolvimento das interações sociais indispensáveis ao aprendizado tanto da expressão oral quanto da expressão escrita.

Ainda segundo Dolz e Schneuwly (2004), para que as sequências didáticas de fato se concretizem é necessária, primeiramente, uma apresentação da situação inicial, momento crucial de exposição dos alunos ao projeto de comunicação a ser trabalhado. Num segundo momento, os autores afirmam ser preciso a realização da primeira produção, a fim de que os alunos elaborem o texto inicial (oral ou escrito) sobre o gênero focado. Essa primeira produção oferece material para que sejam trabalhados os módulos, cujo objetivo é superar os erros até então observado nas produções. Feito isso, a conclusão da sequência se dá por meio da produção final, em que se praticam as noções e instrumentos adquiridos por meio dos módulos.

As sequências didáticas propostas por Dolz e Schneuwly (2004) são extremamente relevantes para a proposta de adaptação da rádio escolar, uma vez que organizam o trabalho docente em fragmentos possibilitando a realização de tarefas mais detalhadas que respeitem o ritmo dos alunos. Visualizar o que os estudantes já sabem e, a partir daí, organizar o conteúdo, trabalhando de forma segmentada cada gênero textual presente na rádio é, sem dúvida, uma estratégia efetiva para o desenvolvimento das habilidades linguísticas fundamentais.

O trabalho com a rádio escolar ativa o que Koch e Elias (2010) denominam de conhecimento interacional, isto é, está relacionado às interações que acontecem por meio da linguagem e envolve os conhecimentos ilocucional (identificar as finalidades pretendidas pelos produtores dos textos), comunicacional (adequar a variante linguística bem como o gênero textual e a quantidade de informações necessárias ao entendimento), metacognitivo (assegurar a compreensão e aceitação dos interlocutores) e superestrutural (identificar os gêneros adequados aos contextos).

Um professor que desenvolve a prática de uma rádio escolar compreende que a interação entre sujeito e texto se realiza em determinados contextos sociocognitivos e, portanto, explora não apenas as palavras que compõem os gêneros textuais presentes na rádio, mas também o estudo dos mecanismos que regem a língua, sua relação com o mundo e com a situação sociocomunicativa, considerando, para tanto, o cotexto linguístico em que a interação textual se concretiza.

Dispõe-se, como produto do trabalho realizado com a rádio escolar “anormal”, de uma sequência didática que ajusta as potencialidades dessa prática de letramento para a realidade de grande parte da sociedade brasileira, sobretudo a localizada nas zonas periféricas mais carentes. Dessa forma, tem-se um roteiro organizador e otimizador do sistema de uma rádio escolar, mas considerando e adaptando-se à precariedade de recursos disponíveis nas mais simples unidades escolares espalhadas pelo Brasil.

PRÁTICA DE LETRAMENTO: ADAPTAÇÃO DA RÁDIO ESCOLAR

São inúmeros os esforços destinados a compreender e minimizar os fatores que obstruem o sucesso escolar de muitos alunos. Em contrapartida, muitos são também os estudantes que frequentam os bancos escolares e concluem todas as séries sem consolidarem as habilidades necessárias ao exercício de uma plena vida cidadã. Tampouco

finalizam o ensino fundamental ou médio como cidadãos flexíveis e democráticos, capazes de atuarem como protagonistas nas comunidades das quais fazem parte adaptando sua língua às diferentes situações de uso.

Um dos fatores que mais dificultam o progresso escolar é a prática de apenas um tipo de letramento nas escolas. Valoriza-se muito a alfabetização e, na maioria das vezes de forma distante da realidade dos alunos. A escola peca por realizar um letramento autônomo que desconsidera o contexto social do qual o aluno faz parte. Rojo (2009), baseando-se nos Novos Estudos de Letramento propostos por Street (1984) destaca a importância de a escola desenvolver práticas de letramento sob um enfoque ideológico. Nessa perspectiva, as práticas de letramento seriam desenvolvidas sob um viés mais social, mediando oralidade e escrita em diferentes contextos culturais.

Considerando a realidade da escola pública, é fundamental desenvolver um trabalho que observe não apenas os letramentos dominantes, mas também os letramentos vernaculares, ou seja, os letramentos originados da vida cotidiana de alunos e professores. É preciso, dessa forma, que a escola se adeque ao mundo contemporâneo em que todos estão inseridos e de fato trabalhe com as diferentes formas de ler e produzir textos. Trata-se de propiciar práticas sociais em que se observem letramentos críticos, isto é, em que o aluno não perca seu tempo com a repetição mecânica de atividades descontextualizadas e alienantes, mas vivencie textos “carregados de apreciações e valores que buscam efeitos de sentido e ecos e ressonâncias ideológicas.” (ROJO, 2009, p. 114)

Segundo Kleiman (2014) e Rojo (2012), as práticas de letramentos e multiletramentos nas aulas de língua portuguesa vêm atender, sobretudo, às novas exigências da sociedade atual. A cada dia crianças e adolescentes têm contato com diferentes tecnologias e delas fazem uso com uma naturalidade que espanta os mais velhos. Entretanto, em muitas realidades brasileiras, há inúmeras escolas que, por diversos fatores, não dispõem de material, de recursos financeiros e nem de apoio técnico e pedagógico para implementar uma rádio escolar.

É nesse sentido que reside a importância do engajamento de professores dispostos a adaptar à sua realidade práticas de letramento que possibilitem, de forma simples, porém efetiva, situações que permitam aos alunos desenvolver sua criticidade acerca de todos os meios de comunicação com os quais têm contato, pois, segundo Kleiman (1995), letramento é justamente

[...] um conjunto de atividades que se origina de um interesse real na vida dos alunos e cuja realização envolve o uso da escrita, isto é, a leitura de textos que, de fato, circulam na sociedade e a produção de textos que serão lidos, em um trabalho coletivo de alunos e professor, cada um segundo sua capacidade. [...] (p. 238)

Em instituições de ensino localizadas em zonas periféricas dos municípios brasileiros, os estudantes ainda chegam apáticos à escola, sem saberem lidar com a informação que está às mãos (ou aos ouvidos). Em sua entrevista ao site *Plataforma do Letramento* (acesso em maio de 2015), Rojo (2015) lembra que a maior parte da população ainda assiste a programas de televisão voltados para uma cultura de massa, que muitas vezes é manipuladora. Pode-se acrescentar, aqui, que isso se dá também com o acesso que têm às rádios. É preciso considerar que, se o indivíduo não possui uma capacidade crítica de analisar aquilo que está aos seus ouvidos, de pouco adianta ter acesso aos mais rebuscados meios de comunicação, uma vez que será da mesma forma manipulado.

As mais diversas práticas de letramento são, portanto, o foco do ensino de língua portuguesa, mesmo nos contextos mais isolados e precários. De acordo com Gnerre (1987), a redução extrema dos momentos e instrumentos que trabalham oralidade e escrita é um dos grandes problemas da alfabetização e, infelizmente, a prática diária em escolas do ensino público no Brasil confirma essa constatação. Nesse sentido, a realização de uma rádio escolar pode articular o trabalho com escrita e oralidade de forma coerente, baseando-se no estudo dos mais diversos gêneros textuais. Segundo Baltar (2012),

É preciso frisar que entendemos a rádio escolar como potente ferramenta de interação sociodiscursiva na escola, como espaço genuíno de mídia da escola, como dispositivo de ensinagem de gêneros textuais orais e escritos e como potencializadora de múltiplos letramentos e de desenvolvimento de múltiplas competências, notadamente a competência discursiva oral e escrita. (p. 58)

Uma prática de letramento plena deve resgatar o gosto e o valor da oralidade e, a partir daí, buscar estratégias para o estudo da palavra escrita, estabelecendo uma mediação entre oralidade e escrita. E essa mediação pode ser muito bem realizada por meio da implementação de uma rádio escolar, uma vez que ela parte da realidade dos alunos, do que gostam, para trabalhar de forma lúdica e prazerosa conteúdos relevantes para a formação social e cidadã dos estudantes.

Uma vez que a oralidade é palco de grande parte das interações sociais, é imprescindível que a escola desenvolva um trabalho sistemático com os gêneros orais.

Trabalhar com eles representa condição concreta para visualizar as variedades culturais que se manifestam na sociedade, aí representada pela sala de aula. Não se pode esquecer também da emergente responsabilidade da escola em trabalhar com os gêneros da mídia auditiva. Analisar os gêneros textuais presentes nas rádios e em tantos outros recursos tecnológicos proporciona uma aprendizagem mais dinâmica e condizente com as necessidades da sociedade atual.

A sequência didática a seguir propõe uma prática de letramento no âmbito escolar com o objetivo de trabalhar com os gêneros textuais presentes na rádio em contextos cuja infraestrutura é extremamente precária.

1º módulo:

Questionar os alunos sobre o contato que têm com rádios em seu dia a dia, com que frequência ouvem, quais programas favoritos, qual opinião sobre diferentes rádios, que músicas costumam ouvir, o que acham da participação ao vivo, etc.

Combinar com os estudantes a análise de uma estação de rádio, solicitando a eles que anotem no caderno os gêneros textuais que ouvirem.

2º módulo:

Pedir aos alunos para lerem o nome dos gêneros textuais que ouviram. A partir dos gêneros que apresentarem, fazer um levantamento dos que mais marcam e que configuram uma programação de rádio.

Combinar com a turma uma temática para que todos os gêneros apresentados na rádio a ser realizada pela turma versem sobre o mesmo assunto, por exemplo, amor, humor, suspense, etc.

Havendo laboratório de informática em bom estado na escola, conduzir os alunos até ele e pedir que pesquisem exemplos dos gêneros. A pesquisa também pode ser conduzida na biblioteca escolar.

3º módulo:

Fazer a leitura em voz alta dos gêneros pesquisados pelos alunos bem como os comentários acerca da intencionalidade e o público-alvo daquele gênero.

Nesse momento o professor deve fazer uma correção dos gêneros trazidos pelos alunos, tendo em vista avaliar quais podem ser usados na apresentação da rádio.

Havendo incorreções e considerando-se os limitados recursos que alunos de zona periférica dispõem, cabe ao professor fazer a pesquisa de gêneros adequados para a composição da rádio.

4º módulo:

Compor na lousa, juntamente com os alunos, o texto de abertura e que será lido pelo “locutor²” na interligação dos quadros.

5º módulo:

Havendo alunos que cantam na classe, selecionar com a turma, por meio de análise criteriosa, as músicas a serem cantadas.

Na inexistência de alunos cantores, o professor selecionará com a turma as músicas e no dia da apresentação será apresentado o videoclipe delas, que poderá ser trazido pelos alunos ou pelo professor.

6º módulo:

De todos os gêneros textuais presentes na rádio, sugerimos a seguinte organização:

Gêneros	Alunos responsáveis
Abertura	Locutor
Notícia	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Meteorologia	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Música	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Horóscopo	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Propaganda	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Música	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Piada	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Receita	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Música	Dupla de alunos

² Tendo em vista a realização de uma rádio “anormal” a expressão mais correta seria “locutor” — um neologismo para locutor+louco — e não “locutor”.

Texto do locutor	Locutor
Entrevista	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Pensamento do dia	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Participação ao vivo	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Música	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Nota de falecimento	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Propaganda	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Encerramento	Dupla de alunos
Texto do locutor	Locutor
Música	Dupla de alunos

Organizar com cada dupla de alunos o texto que deverão ler e iniciar os ensaios em sala de aula.

Sugerem-se de duas a três aulas para os ensaios.

7º módulo:

Organizar a biblioteca (ou outro espaço fechado na escola) para a apresentação da rádio anormal.

Combinar com a direção e supervisão os horários em que cada turma será levada para a sala da rádio a fim de ver a apresentação.

Possivelmente, alguns alunos podem ficar constrangidos durante a leitura e negarem-se a apresentar. Para tanto, o professor poderá propor uma leitura em dupla, para que este aluno tenha o suporte de um colega e sinta-se mais à vontade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

A realização de uma rádio no âmbito escolar configura-se como uma prática de letramento extremamente favorável ao trabalho com gêneros textuais. Um projeto que desenvolva o trabalho com a rádio escolar possibilita aos alunos não apenas a análise e produção de gêneros textuais recorrentes nas rádios, mas também uma observação mais atenta acerca da leitura, sobretudo a realizada em voz alta, trabalhando situações monitoradas de oralidade.

Este artigo evidenciou que a ausência de recursos financeiros, técnicos e pedagógicos não impossibilita o desenvolvimento de uma rádio mesmo nas escolas com infraestrutura precária. Adaptações nos projetos de letramento sobre rádio escolar são necessárias para que os alunos que frequentam essas escolas não sejam excluídos no trabalho com essa prática social.

Mostrou-se, por meio deste trabalho, que na realização da rádio escolar cabe ao professor a monitoria e intervenção apenas quando necessário, pois são os alunos os protagonistas no desenvolvimento de todas as tarefas. Drenam-se as habilidades dos estudantes num trabalho realizado em equipe, em que os alunos mais desenvolvidos atuam como auxiliares daqueles com menos habilidades.

Fica evidente, portanto, que a rádio escolar pode ser trabalhada nos mais adversos contextos escolares, com ou sem infraestrutura adequada. Basta haver um professor empenhado em fazer de sua sala de aula um ambiente propício para a realização de práticas de letramento que vislumbrem o trabalho com gêneros textuais de fato presentes na vida de seus alunos.

REFERÊNCIAS:

BALTAR, Marcos. **Rádio escolar: uma experiência de letramento midiático**. 1. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

GNERRE, Maurizio. Considerações sobre o campo de estudo da escrita. In: GNERRE, Maurizio. **Linguagem Escrita e Poder**, Martins Fontes, 1987, p. 25-61.

KLEIMAN, A. B. **Letramento na contemporaneidade**. Bakhtiniana, São Paulo, v. 9, n. 2, p. 72-91, ago./dez. 2014.

_____, A. B. **Os significados do letramento**. Campinas: Mercado de Letras, 1995.

KOCH, Ingedore G. Villaça; ELIAS, Vanda Maria. **Ler e compreender os sentidos do texto**. 3 ed. São Paulo: Contexto, 2010.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção Textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola, 2008

ROJO, R. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, R.; MOURA, E. (org.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola Editorial, 2012, p. 11-31.

_____, R.. **Letramentos múltiplos, escola e inclusão social**. São Paulo: Parábola, 2009, Capítulos 1 e 6.

SCHMEUWLY, B; DOLZ, J. (orgs). **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas: Mercado de Letras, 2004.

Entrevista com Roxane Rojo. Disponível em:

<<http://www.plataformadoletramento.org.br/em-revista-entrevista-detalle/246/roxane-rojo-alfabetizacao-e-multiletramentos.html>>. Acesso em: 5 maio 2015.